

MEMÓRIAS EM BRASA: A IMAGEM DE JOANA DISTORCIDA PELO FOGO

Memories set ablaze: Joan's image distorted by the fire

Luane Pedroso

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Resumo: Esta escrita tem o intuito de des(re)velar alguns aspectos da imagem de Joana d’Arc. Dialectizar essa figura que foi sacralizada/demonizada, tanto pela igreja católica (registros mais conhecidos) quanto no sentido metafórico, enquanto mulher guerreira, bruxa, forte, que luta (aspecto simbólico). Entender Joana enquanto mito/história e tirar da fogueira memórias que f(r)iccionam com o tempo presente, é também de articular tempos, refletir sobre o agora.

Palavras-chave: Mito; Imagem dialética; Joana d’Arc.

Abstract: This writing aim to reveal some aspects of Joana d’Arc’s image, in such a way to dialectize this icon that has been sacralized/demonized by the catholic church (historical record) at the same time that rises, in a metaphoric way, as a warrior, witch, fierce woman (mythical image). The search to understand Joana as a myth/history person is a strategy to pull off this woman icon from the bonfire to dialogue with de present moment, articulating the past and current times.

Keywords: Myth; Dialectical image; Joana d’Arc.

“Eu vou vestir o mar
vou me fingir de peixe
eu vou brincar de madrugada
Deixe”
(*Sonhando, Anelis Assumpção*)

A ventania do progresso¹ e da modernidade lançou sobre alguns conhecimentos antigos o peso de serem ultrapassados e irracionais. Saberes ligados à natureza não eram compatíveis ao novo mundo, racional e lógico. O homem moderno, científico, não via mais razão para continuar escutando histórias mitológicas sobre a criação do universo ou sobre deuses que brigavam entre si. Assim, mito virou sinônimo de mentira, de algo inexistente, de histórias que não cabiam na evolução intelectual natural do homem.

Em contraponto com essa nova percepção de mundo, os mitos em sociedades antigas não eram apenas narrativas contadas com finalidade de entretenimento. Eles tinham função pedagógica que fazia refletir acerca da realidade. Estruturavam formas de agir e pensar. Essa estruturação de pensamento não ficou presa nas antigas sociedades, ela nos acompanha até a contemporaneidade mesmo que não tenhamos consciência. Alguns exemplos que me ocorrem agora são ritos como, por exemplo, comemorações de Natal atreladas a mitos cristãos; Carnaval que, dentre as muitas possibilidades de acontecimento, se relaciona com festas pagãs antigas onde havia subversão de papéis sociais e a devoção aos deuses como Baco/Dionísio; fuga do tempo a partir da consciência da morte.

Pensar o mito como ficção ou irrealidade é uma forma de esvaziá-lo de seu sentido e com isso minimizar sua participação na estruturação da sociedade contemporânea. Alinhada às ideias de alguns mitólogos como Mircea Eliade e Joseph Campbell, o *mito*, enquanto conceito que busco desenvolver, deve ser pensado em uma perspectiva histórica e um fenômeno da cultura.

Como cita Gilbert Durand:

¹ Referência ao “anjo da história”. Imagem que Walter Benjamin faz a partir do quadro de Paul Klee, *Angelus Novus*, de 1920. Ver Teses sobre o conceito de história (p. 226), in *Magia e Técnica, arte e política* (1987, Walter Benjamin).

o mito se apresenta sob forma de história. Por este motivo ele já representa um início de racionalização. O mito é um **relato fundante** da cultura: ele vai estabelecer as relações entre as diversas partes do universo, entre homens e o universo, entre os homens e entre si. Por sua construção, próxima da composição musical que comporta refrões, repetições, o mito tem sempre uma dimensão pedagógica. (DURAND, 1988, p. 23)

O mito atua em conjunto com a nossa capacidade de imaginar, capacidade essa que nos diferencia dos outros animais. A imaginação e a criação propiciam o contato da mente com o mundo material.

Compreendo que narrativas míticas foram e podem ser utilizadas como estratégia de dominação do opressor, por exemplo, quando nos fragilizamos enquanto sociedade e requeremos a qualquer custo um líder, um condutor, e abrimos brecha para que lideranças de cunho fascista assumam o poder, ancoradas em narrativas que superficialmente podem se assemelhar ao mítico. No entanto, é importante frisar que essa utilização nada tem a ver com *mito* enquanto conceito utilizado por Joseph Campbell, Mircea Eliade ou Gilbert Durand, teóricos nos quais estou me amparando para discussão acerca do assunto.

Essa ideia disseminada por lideranças fascistas é esvaziada e está muito mais relacionada a um estereótipo superficial sobre o conceito de mito. Distanciando-me do mito como algo bom ou ruim, me amparo em sua problematização enquanto narrativa transformadora profunda.

Imagens em Joana

Danielle Pitta (2017), baseando-se nos estudos de Carl Gustav Jung (2000) sobre arquétipo, aponta que o mesmo trata-se da imagem que pousa no inconsciente coletivo, “ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais” (PITTA, 2017, p. 23), tem-se a figura da **heroína** como arquétipo. Joana d’Arc carrega tal imagem arquetípica. Entretanto, estou interessada em virar essa heroína do avesso. A primeira provocação é relacionar sua vitória à

“mudez” como Walter Benjamin aponta em seu livro *Origem do drama trágico alemão*:

O herói trágico tem apenas uma linguagem que plenamente lhe corresponde: precisamente o silêncio [...] na tragédia o homem pagão se dá conta de que é melhor do que os seus deuses, ainda que este reconhecimento lhe tolha a língua e o deixe ficar mudo. (BENJAMIN, 2011, p. 111)

Joana, uma jovem beata tão devota a seus santos que se arriscou mulher na guerra, foi chamada de herege e sofreu a punição máxima por seus pecados, precisamente a morte. Neste ensaio, encontro-me com Joana pagã, queimada em fogueira, que em dado momento se percebeu melhor que seus inquisidores – os deuses – e se calou. Apesar de sua morte trágica, que poderia ser associada às tragédias gregas, lanço-me em outra leitura, a de uma heroína barroca, que se cala diante do inimigo e o vence por sua mudez. Dialogando com Benjamin:

Ao ficar em silêncio, o herói quebra as pontes que o ligam ao deus e ao mundo, ergue-se e sai do domínio da personalidade que se define e se individualiza no discurso intersubjetivo para entrar na gélida solidão do si-mesmo. (BENJAMIN, 2011, p. 109)

A fogueira já se encontrava acesa. Joana entra em sua “gélida solidão”. É nesse pequeno instante de semiconsciência que ocorre seu *despertar*². No devaneio impulsionado pela brasa que incendeia todos ao seu redor, mas a mantém intacta. Do lado de dentro, ela avista corpos deformados pelo movimento do fogo, pessoas que esbravejam “bruxa, bruxa, bruxa”, e mulheres que choram com medo que suas filhas sejam as próximas a sofrerem tal castigo.

Para dialogar acerca da caça às bruxas durante o período da inquisição, sobretudo na Europa, convido a pesquisadora Silvia Federici a mexer comigo esse caldeirão:

² Referência à técnica do despertar, de Walter Benjamin.

A incompatibilidade da magia com a disciplina do trabalho capitalista e com a exigência de controle social é uma das razões pelas quais o Estado lançou uma campanha de terror contra a magia [...] Com as fogueiras se eliminaram aquelas superstições que faziam obstáculo à transformação do corpo individual e social em um conjunto de mecanismos previsíveis e controláveis. (FEDERICI, 2018, p. 262)

Para o novo sistema que estava emergindo – o capitalismo – o controle sobre os corpos das mulheres se fez mister importante já que eram elas que detinham o poder sobre o nascimento dos novos trabalhadores. Necessitando de mão de obra, os interesses capitalistas alinharam-se aos preceitos mais conservadores da igreja católica. O aborto e o uso de contracepção, por exemplo, passaram a ser condenados veementemente e associados a práticas de bruxaria (FEDERICI, 2018). O controle, sobre os corpos das mulheres, era dos grandes homens: deus, marido, catolicismo e mais tarde do Estado.

Federici aponta que a caça às bruxas teve seu ápice no final do século XVI e início do século XVII. Joana foi queimada em 1431, século XV. Durante esse período, as relações pré-capitalistas já começavam a engendrar os modos da sociedade medieval. O controle dos corpos e a afirmação de um poder patriarcal se estabeleciam/estabelecem a cada mulher queimada, enforcada ou emparedada durante a Idade Média, Moderna e Contemporânea.

Joana, como *figura mítica*, é linguagem simbólica, não racional, ou seja, que foge a entendimentos que obedecem a uma proporção lógica. Retomando os estudos de Jung (2000) sobre arquétipos, pousa no inconsciente coletivo um conjunto de imagens. Quando falamos em mito, algumas dessas imagens são acionadas. Talvez, por essa característica, é que, de maneira geral, as narrativas míticas nos instigam, pois tais imagens fazem parte de nós.

Joana pagã, em seu *despertar* já do lado de dentro da fogueira, amplia-se do eu para o mundo. Segundo Benjamin (2009), recordação e despertar estão intimamente relacionados a mergulhar no próprio interior. Nessa perspectiva, Joana nos oferece uma leitura muito mais aprofundada e relacionada à sua imagem mítica do que à sua figura histórica. Seu lado de dentro é seu avesso, seus possíveis devaneios e pensamentos, durante o tempo que estivera posta em

praça pública amarrada e queimada, é a imagem da qual parto para investigar Joana enquanto categoria abarcada pelos estudos de gênero.

Para trazer Joana ao século XXI, ao continente latino-americano, tão distante de sua realidade histórica datada, trago uma vez mais Benjamin para me ajudar a pensar na articulação dos tempos:

O passado adquire caráter de uma atualidade superior graças à imagem como a qual e através da qual é compreendido [...] Abordar desta maneira o ocorrido significa estudá-lo não como se fez até agora, de maneira histórica, mas de maneira política, com categorias políticas. (BENJAMIN, 2009, p. 437)

Minha escolha por Joana, em um primeiro momento, se deu a partir da peça *Guerreiras Donzelas* (2017)³, cocriação minha e de Jussyanne Emídio⁴, na qual são narradas as histórias de Huá-Mulan – uma guerreira chinesa do século V – e Joana d’Arc – uma guerreira francesa do século XV. Investigar Joana causou em mim ruídos que, agora, pretendo analisar mais cuidadosamente.

Além desse contato inicial com a figura de Joana, minha escolha também está relacionada com o desejo de investigar a construção da imagem feminina na sociedade capitalista e, ainda, como essa imagem colabora ou cria fissuras nesse modo de produção. A dramaturgia, pesquisa artística deste trabalho que está em processo, tem o intuito de levantar questões tais como: por que esquecemos parte da história? Por que algumas histórias nem sequer conhecemos? Por que é importante para esse modo de produção que sejamos a sociedade do esquecimento? Como a caça às bruxas colaborou/coincidiu com a transição do feudalismo para o capitalismo?⁵

Estou tomando por imagem a figura de Joana, a “fotografia” dessa personagem que chegou até mim carregada de superficialidades ancoradas na história que por muito tempo não foi escovada “a contrapelo”, para lembrar Walter

³ Para mais informações, ler o artigo: *Guerreiras Donzelas: uma experiência de teatro feminista para crianças*, de Luane Pedroso e Jussyanne Emídio. Disponível em: http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573103332018142_.

⁴ Doutoranda em Teatro pelo PPGT/UDESC.

⁵ Ideia instigada a partir de minha leitura do livro *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, de Silvia Federici.

Benjamin. Meu intuito não é oferecer outra história que substitua a que conheço sobre Joana, nem tampouco invalidar tudo o que foi pesquisado sobre ela, mas sim construir dramaturgia f(r)iccional amparada pelo mais fundo que eu consiga chegar dessa imagem.

Se Joana carrega os arquétipos de guerreira e bruxa, imagens essas comuns ao inconsciente coletivo, o que me interessa não é seu aspecto imutável, mas justamente as brechas que podem ser reconfiguradas, redescobertas, viradas do avesso. John Dawsey, dialogando com Benjamin, aponta que o autor procurava “justamente aquilo que um modelo tende a ocultar: sua ‘estranheza’, seu ‘desbotamento’ e ‘comentários tendenciosos’” (DAWSEY, 2010, p. 362).

Assim, com essa imagem dessacralizada de Joana, a coloco em seu avesso para que possa me mostrar seus monstros esquecidos. Aquela que o tempo diluiu e a igreja santificou, em vida foi punida por profanar os padrões que eram predestinados às mulheres de sua época. O que não estava sob o controle dos homens, aquilo que era fugaz e talvez por isso não passível de elaboração pela sociedade, era tido como algo que transcendia a matéria, misterioso, desconhecido e perigoso.

Quase tudo que é desconhecido causa medo. O medo tornou-se aliado na construção de uma sociedade patriarcal. Como cita Verônica Fabrini (2017): “junto com o colonialismo, imperialismo e capitalismo, o patriarcalismo completa essa boa imagem dos quatro cavaleiros do apocalipse” (p.97). Acrescento que o medo é o estandarte que eles carregam, é a primeira coisa que nossos olhos enxergam quando eles chegam. Montados em fortes cavalos nos convencem de que sem eles estaríamos em perigo de autodestruição. E nos jogam para fora, destroem.

Dialogando uma vez mais com Federici:

Se considerarmos o contexto histórico no qual se produziu a caça às bruxas, o gênero e a classe das acusadas, bem como os efeitos da perseguição, podemos concluir que a caça às bruxas na Europa foi um ataque à resistência que as mulheres apresentaram contra a difusão das relações capitalistas e contra o poder que obtiveram em virtude de sua sexualidade, de seu controle sobre a reprodução e de sua capacidade de cura. (FEDERICI, 2018, p. 305)

No momento em que Joana passa de camponesa para heroína, de heroína para bruxa, e de bruxa para santa, ocorre sua metamorfose. Sua imagem se constrói e desconstrói. A expressão **metamorfose** está presente em diferentes contextos e com isso suas definições enquanto vocábulo também se alteram.

Nas ciências biológicas, metamorfoses ocorrem em animais que apresentam desenvolvimento indireto, ou seja, que necessitam, em estágio pós-embrionário, modificar sua estrutura corporal e/ou sua forma de vida. Os exemplos mais conhecidos são as metamorfoses que ocorrem com insetos, por exemplo – ovo, larva, pupa, borboleta –, e aquelas que ocorrem nos anfíbios – ovo, girino, sapo.

A pesquisadora Sônia Maluf (1993), em seu livro *Encontros noturnos, bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*, relata histórias que permeavam o imaginário mítico de moradoras e moradores locais do bairro Canto da Lagoa, situado na cidade de Florianópolis/SC. Em muitos desses relatos, os nativos contam que as bruxas passavam unguento pelo corpo feito com ervas e flores, entre elas a dama da noite, para auxiliar no processo de se metamorfosearem em animais voadores. A metamorfose, nesse campo simbólico, estava associada a práticas bruxólicas.

Joseph Campbell (1989) discorre em seu livro *O herói de mil faces* sobre a jornada do herói, uma jornada cíclica de acontecimentos dividida em etapas:



Figura 1: Esquema da jornada do herói⁶

⁶ Esquema baseado nas figuras encontradas na Internet.

Acrescentando aos estudos de Campbell, Maureen Murdock lançou pesquisa sobre a jornada da heroína, afirmando que em alguns pontos havia divergências quando a personagem protagonista era uma mulher. Assim, o esquema de Murdock ficou:



Figura 2: Esquema da jornada da heroína⁷

O esquema de Murdock sobre a jornada da heroína caberia em Joana. Se analisarmos sua figura retomando seus passos históricos, ao final do caminho, encontraremos o início desse ciclo para novamente se aventurar. No entanto, proponho mergulhar em Joana não a partir de sua jornada heroica e sim me amparando em suas transformações metamórficas, que possuem como alicerce o campo simbólico – metamorfoses bruxólicas – e o campo biológico – transformação em estruturas corporais e modo de vida. O campo mítico e o campo histórico.

⁷ Esquema baseado nas figuras encontradas na Internet.

Até este ponto, tenho alguns caminhos de investigação que me interessam, sendo eles:

Joana imagem dialética – dialogando com o entendimento de Georges Didi-Huberman:

Saber olhar uma imagem seria, de certo modo, tornar-se capaz de discernir onde ela queima, onde sua eventual beleza reserva lugar de um 'signo secreto', de uma crise inquieta, de um sintoma. Onde a cinza não esfriou. (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 47)

Joana heroína barroca – se aproximando do herói barroco com Benjamin:

Pode-se mesmo dizer, talvez, que o herói trágico não tem alma. No imenso vazio da sua interioridade, ele faz ressoar ao longe novos mandamentos dos deuses, e nesse eco as gerações por vir aprendem a sua língua. (BENJAMIN, 2011, p. 116)

Joana metamorfoseada – pensando nas duas possibilidades de entendimento da palavra *metamorfose*, no campo biológico e no campo simbólico com Sônia Maluf (1993).

Esses três modos de pensar e analisar a imagem de Joana, a meu ver, se complementam no desafio de entendê-la enquanto mito e história. De ser atravessada por ela e de expandir esse atravessamento em dramaturgia de f(r)icção. A arte, sobretudo o teatro, que possui função, me interessa enquanto artista pelo viés político que ela pode abarcar. Para lembrar novamente Benjamin (1987), a arte sem função é romântica e idealista.

A relação com a contemporaneidade se dá no cruzamento de narrativas, na articulação de tempos e na repetição de histórias opressoras que por vezes ficamos estarecidas, como se fossem grandes novidades. Notícias e propagandas mentirosas, por exemplo, já ocorriam na Idade Média, durante o período de caça às bruxas, como cita Federici:

A caça às bruxas foi também a primeira perseguição, na Europa, que usou a propaganda multimídia com o objetivo de gerar uma psicose em massa entre a população. Uma das primeiras tarefas da imprensa foi alertar o público sobre os perigos que as bruxas

representavam, por meio de panfletos que publicizavam os julgamentos mais famosos e os detalhes de seus feitos mais atrozes. (FEDERICI, 2018, p. 299)

Mas, esquecemos de tempos passados. A cada dia, novas tecnologias são lançadas, ficamos mais ativas, nos tornamos trabalhadoras mais flexíveis, não temos tempo a perder. A produção nos assola e o tempo do ócio, que é o tempo onde ocorre a criação, há séculos, vem sendo comparado a um tempo improdutivo que não gera riquezas para o sistema, pelo contrário, o ócio faz com que o indivíduo tenha pensamentos perturbadores, a famosa “cabeça vazia, oficina do diabo”.

Diminuindo aos poucos nossa capacidade criativa e imaginativa, sugadas pela exploração capitalista, abusadas pelo patriarcado, repetimos, enquanto sociedade do esquecimento, histórias fascistas. Joana, *figura mítica*, me ajuda entender esses ciclos de repetições, me ajuda entender as brechas que podem ser usadas para romper com o “*continuum da história*”.

Avisto terra, ancore navio próximo a uma pequena ilha. Desço, molho os pés nas águas que antes haviam sido observadas de cima do mastro. Chamo Joana. Em sua transitoriedade entre mito e história, ela também molha os pés. Percebo que sua armadura não é apenas de metal e que seu vestido não está totalmente queimado.

Recebido em: 14/10/2019

Aceito em: 20/01/2020

Referências

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte. Editora UFMG. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2009.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o Conceito de História. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In Walter Benjamin. **Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Tradução de João Barrento. São Paulo: editora autêntica. 2011.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1991. Disponível em: <http://gepai.yolasite.com/resources/joseph_campbell_%20o_poder_do_mito.pdf> . Acesso em: 26 mar. 2019.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/pensamento, 1989.

DAWSEY, John. A Fábula das três raças no Buraco dos Capetas: corpo, máscara e f(r)icção. **Anais ABRACE**, Campinas, 2010. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vicongresso/teorias/John%20C.%20Dawsey%20-%20A%20f%20E1bula%20das%20tr%20EAs%20racas%20no%20buraco%20dos%20capetas.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem queima**. Tradução: Helano Ribeiro. Curitiba. Editora Medusa, 2018. 69 p.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Tradução: Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix. Editora da Universidade de São Paulo, 1988. 114 p.

FABRINI, Verônica. Arte, ciência e descolonização. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad et al. **Artes, Ciências e Educação**. São Paulo: Big Time Editora, 2017. p. 89-119.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução: Coletivo Sycorax. Editora Elefante, 2018. 460 p.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MALUF, Sônia. **Encontros noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição**. Editora Rosa dos Tempos, 1993.

MURDOCK, Maureen. **A jornada da heroína**. [S. l.], 2016. Disponível em: https://maureenmurdock.com/?page_id=366. Acesso em: 22 jul. 2019.

OLIVEIRA, Luane Pedroso; EMÍDIO, Jussyanne Rodrigues. Guerreiras Donzelas: uma experiência de teatro feminista para crianças. **Revista Urdimento**, [s. l.], v. 3, n. 33, p. 142-156, 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.5965/1414573103332018142>. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573103332018142> - Acesso em: 20 set. 2019.

PITTA, Danielle, P. R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Curitiba. Editora CRV, 2017. 115 p.

Em audiovisual

A estrutura dos mitos, segundo Mircea Eliade. [S. l.: s. n.], 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ll-XSHxstrE>>. Acesso em: 20 jul. 2019.